

GPS MELHOR DE 2019: DANÇA

Na dança, houve boas surpresas em 2019

27.12.2019 16:00 | por Ângela Marques, Rita Bertrand, André Santos, Catarina Moura, Filipa Teixeira, Markus Almeida e Pedro Henrique Miranda

🔗 688

A dança portuguesa nunca mais se recompôs da extinção do Ballet Gulbenkian, em 2005, mas os resistentes continuam a surpreender



Autópsia, de Olga Roriz
D.R.

Com *Autópsia*, estreado em novembro no São Luiz, a Companhia Olga Roriz voltou à sua melhor forma apresentando um espetáculo conceptual, onde a ameaça da morte paira sobre a vertigem da vida. Num cenário elegante e funcional, casado na perfeição com figurinos banhados em lama, num efeito incrível, e sempre em crescendo até ao fim, foi das melhores surpresas de 2019.



PUB

Mas houve outras: David Marques, com o seu *Mistério da Cultura*, a discorrer sobre as burocracias dos apoios às artes, entre movimentos repetidos, adereços minimalistas e vocalizações guturais, explorando com engenho as potencialidades do palco não convencional do renovado Teatro do Bairro Alto, e Vasco Wellenkamp (em parceria com Miguel Ramalho) fez, em *Na Substância do Tempo*, uma bela homenagem a Sophia de Mello Breyner, no seu centenário, lembrando que é um dos maiores coreógrafos nacionais com a sua Companhia Portuguesa de Bailado Contemporâneo, ameaçada de extinção e salva por um mecenas, mas ainda a atravessar dificuldades – um caso de resistência no cenário atual de criações pontuais, quase sempre apontadas a um experimentalismo redutor – como se uma boa ideia pudesse substituir o êxtase do virtuosismo (essencial na obra de Wellenkamp).

Já a Companhia Maior, de artistas acima de sexagenários, teve dos seus melhores desempenhos no espetáculo deste ano (no CCB, como de costume), *O Lugar do Canto está Vazio*, sob direção inspirada de Sofia Dias e Vítor Roriz.

No âmbito internacional, as grandes sensações estiveram na Culturgest, com Steve Paxton a mostrar, em performances e conferências, o seu método peculiar, chamado "improvisação de contacto", e com Meg Stuart, que ali mostrou, em junho, a sua última (e fantástica) criação, *Until Our Hearts Stop*.

No âmbito internacional, as grandes sensações estiveram na Culturgest, com as performances de

Steve Paxton e a última criação de Meg Stuart.

